

Os Estados Unidos tratam a União Europeia e a Alemanha, em particular, como um México qualquer. Ou como um Canadá qualquer. Com muito desprezo. E o mais importante: os capitalistas estadunidenses apontam para o mundo uma metralhadora e disparam surpreendentes ameaças e rupturas da velha ordem econômica e militar do ilusório ultra-imperialismo do pós-guerra.

Em pleno desmantelando de décadas triunfantes da globalização do capital e a consequente crise econômica geral batendo na porta as superestruturas geopolíticas globais são as que sofrem em primeiro lugar os abalos do desabamento da sólida economia do imperialismo do pós-guerra.

Nesta última semana, com paradas em Londres, Bruxelas (OTAN) e Helsinque, a turbulenta passagem do presidente dos EUA pela Europa praticamente sacramentou esta nova desordem geopolítica global. De maneira mais escancarada que até alguns meses atrás. E os principais protagonistas do processo apareceram com mais nitidez.

Depois dos entreveros ocorridos nesta semana entre o atual ocupante da Casa Branca e o resto do mundo, pode-se considerar, com maior grau de convicção, que se assiste a uma espécie de retorno ao processo clássico de conflitos e guerras entre as grandes potências. No mesmo figurino traçado por Rosa de Luxemburgo cem anos atrás. Crise catastrófica, guerras imperialistas e possíveis revoluções.

Em Londres, o chefe de Estado da maior potência econômica e militar do planeta declarou solenemente que a União Europeia é “inimiga” dos EUA nas relações comerciais. Isso soou para as pessoas mais bem informadas da realpolitik como uma declaração de guerra comercial dos EUA contra a Alemanha e, por tabela, contra quem ainda se alinha incondicionalmente com ela dentro da claudicante União Europeia.

A resposta alemã veio rápida. Na segunda-feira (16) o ministro das Relações Exteriores da Alemanha declarou, segundo a **Reuters**, que “a Europa não pode confiar em Donald Trump e precisa se unir depois que o presidente dos Estados Unidos chamou a União Europeia de “inimiga” em relação ao comércio”.

“Não podemos mais confiar totalmente na Casa Branca”, disse Heiko Maas ao jornal Funke. “Para manter nossa parceria com os EUA, devemos reajustá-la. A primeira consequência clara só pode ser a de que precisamos nos alinhar ainda mais de perto na Europa”. E concluiu: “A Europa não deve se deixar dividir, por mais afiados que sejam os ataques verbais e o absurdo que os tweets possam ser”.

Herr Mass usa a ideia de uma União Europeia supostamente forte para salvar a Alemanha dos ataques reais dos EUA. Ele sabe que a Casa Branca já procura há alguns anos separar as

demais potências mundiais da Alemanha.

Por isso, o mais importante de sua declaração é a necessidade de manter (e, se possível, aumentar) a união de quem ainda se alinha ao seu lado. Difícil equação de realpolitik. Principalmente considerando-se que Paris e Roma não são nem um pouco confiáveis, para dizer o mínimo, em aceitar qualquer alinhamento incondicional como este sugerido por Berlim.

Na visão convenientemente simplista de Washington, a União Europeia não é nada mais do que uma união aduaneira, uma engenhoca econômica comandada pela Alemanha, que promove o comércio dentro do bloco, mas mata o comércio com países fora dele.

Os fazendeiros do meio oeste estadunidense, grande base eleitoral e do nacionalismo dos republicanos e de Donald Trump, estão totalmente de acordo com essa visão. Isso é mais importante que centenas de teses acadêmicas provando logicamente o contrário.

Discursando para esse eleitorado e para os deserdados do *Rust Belt* [cinturão da ferrugem], poucos dias antes da eleição para a Casa Branca, Donald Trump aumentou o volume do jogo dizendo que a União Europeia era um grupo hostil, a serviço da Alemanha, e que foi criada para competir contra os interesses econômicos “americanos”. Para o espanto do resto do mundo – e dos eunucos do mundo acadêmico, principalmente – foi espetacularmente eleito presidente dos EUA.

Nem Washington nem Berlim apenas discursam. Ou idealizam soluções. Nem pensam muito. Eles apenas agem. Praticamente. É por isso que, não tão secretamente, a Alemanha – com o superávit comercial com os EUA subindo a uma taxa anual de 12% nos primeiros cinco meses deste ano – é agora a líder das ações da UE para assustar Washington com uma sólida aproximação política e econômica à China.

Berlim estava hospedando na semana passada Li Keqiang, premier da República Popular da China, para abrir grandes canais de comércio e investimento com Pequim e se solidarizar com o apelo chinês para se oporem, juntos, ao protecionismo de Washington e em defesa do “sistema comercial multilateral”.

E tem mais. Também nesta última segunda-feira, a Alemanha do “indignado” Herr Mass com a destrambelhada língua de Mr. Trump estava conduzindo parceiros europeus para uma cúpula entre a União Europeia e a China em Pequim.

Os atos valem mais que as palavras. Ou que as ideias. Os alemães fazem essas provocações no exato momento em que os estadunidenses tentam impor aos chineses a reversão de seu déficit comercial bilateral de quase meio trilhão de dólares; proteger direitos de propriedades e impedir transferência de alta tecnologia (militar) de suas empresas para a China, etc.

Depois se ficou sabendo também que já estão bem adiantadas as conversações bilaterais Alemanha/Japão para uma cúpula da mesma magnitude daquela já em andamento com a China.

Isso é nitroglicerina pura. Para Washington, uma sólida aliança geopolítica de Berlim/Tóquio é cem vezes mais inaceitável que a de Berlim/Pequim.

Todas essas manobras públicas da Alemanha, além de outras mais secretas, aumentaram, certamente, a matéria prima (altamente explosiva, com se viu depois) para o estabelecimento da agenda e os polêmicos discursos, frases e atitudes de Donald Trump em seu périplo europeu desta semana.

Nada pessoal. Nem, muito menos, maluquice de um folclórico comunicador de massa. Ao contrário. Tudo que Trump fez e falou nesta semana foi em nome de uma claríssima política de Estado dos capitalistas, fazendeiros e grandes corporações financeiras estadunidenses. Tudo em nome e nos mais nobres interesses da grande pátria da democracia.

Como o leitor pode perceber, não tem santo nesta história. Quando, por exemplo, Donald Trump recepcionou recentemente, na Casa Branca, o presidente francês, Emmanuel Macron, teria dito a ele, na bucha, que a França receberia um tratamento comercial muito melhor dos EUA se o seu país deixasse a União Europeia.

Messieur Emmanuel provavelmente não disse nem sim, nem não, para seu anfitrião, porém deve ter entendido perfeitamente, com essa conversa direta, a real estratégia econômica e geopolítica traçada por Washington para a germânica União Europeia. E, o mais importante, que muito breve a França terá que decidir ao lado de quem ela vai ficar.

Trump repetiu este mesmo ultimatum nesta semana, em Londres, para a primeira-ministra inglesa Theresa May. Só que de forma muito mais contundente.

Declarou à imprensa inglesa, no dia de sua chegada ao país, que Mrs. May está sendo incapaz de encaminhar o Brexit, saída da Inglaterra da União Europeia. E que, com seu desejo de um “Brexit suave” (a parte remanescente do Reino Unido na área de livre comércio da UE), não haverá um acordo pós-Brexit de livre comércio entre EUA e Inglaterra.

Empunhando o *big stick* [porrete] imperial de quem dá palpite e toma partido até na política interna da Inglaterra, Trump repreendeu publicamente Mrs. May pela recente demissão do seu amigo ministro dos Negócios Estrangeiros, Boris Johnson, favorável a um “Brexit radical”. Trump praticamente pediu a destituição de Mrs. May e sugeriu que Mr. Johnson ocupe o seu lugar de primeiro-ministro.

Mais tarde foi recebido servilmente, com toda a pompa e deferência, pela frágil primeira-ministra e, logo em seguida, pela decrépita rainha da Inglaterra.

Para esta cambaleante criatura, reservou uma surpresa que escandalizou o mundo, muito mais do que seu ativismo na política interna do “reino unido”: deixou a ridícula personagem esperando quase uma hora para o encontro entre os dois. Alguém chegar atrasado a um encontro com a rainha da Inglaterra? Isso nunca tinha acontecido!

Deve-se lembrar que esses embates de formatos meramente comerciais se entrelaçam com estratégias militares bem definidas entre as potências imperialistas. É neste sentido, portanto, que se deve avaliar os entevos desta semana, em Bruxelas, entre os EUA e demais membros da União Europeia, em reuniões na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

As ameaças estadunidenses de desmantelamento da NATO podem ser consideradas meros espelhos daquelas primeiras escaramuças da “guerra comercial” que, como vimos, já toma vulto na economia mundial.

Meros espelhos geopolíticos de desmantelamento da globalização do capital ocorrida de maneira muito característica desde 1949, pelo menos, quando, não por coincidência, se inaugurava também a OTAN, e já se desenvolvia a todo vapor a Guerra Fria comandada pelos EUA contra a Rússia.

O mais importante a considerar é que as novas configurações e alianças que se gestam atualmente no comércio internacional da economia do imperialismo já antecipam também a definição dos blocos geopolíticos e militares que devem se bater na próxima guerra imperialista global.

É por isso, por razões determinantemente militares, que o deslocamento do presidente dos EUA até Helsinque, para se reunir e reforçar alianças históricas com seu colega Vladimir Putin, chefe de Estado da Rússia, marca o ápice e a síntese de todas as contradições do imperialismo manifestadas à luz do dia em seu acidentado *sejour* [permanência] em solo europeu.

Analisaremos com mais cuidado em futuro boletim as revelações e possíveis consequências deste importantíssimo encontro de Helsinque. Para concluir esse já longo boletim, apenas uma palavra inicial sobre o dito cujo.

Um fato de evidente simbolismo marcou os momentos iniciais do encontro. Ao contrário do ocorrido em Londres – onde, como vimos, Donald Trump fez a múmia da rainha da Inglaterra esperar quase uma hora para ele chegar ao seu encontro – em Helsinque foi Putin que o fez esperar pelo mesmo tempo.

Se, na entrevista coletiva que os dois fizeram depois do encontro, algum espirituoso jornalista lembrasse a Trump esse fato, com certeza o fanfarrão presidente da maior

potência econômica e militar do planeta olharia firmemente para as câmeras de televisão e diria para os seus velhos e efêmeros parceiros europeus da Guerra Fria: – agora quem dá a bola é o Putin!